

SITUAÇÃO OCUPACIONAL, PERFIS E TRAJETÓRIAS DE EGRESSOS DE CURSOS PRONATEC FORMAÇÃO INICIAL E CONTINUADA

Sandra Maria Glória da Silva¹ (sandra.gloria@ifsp.edu.br)

¹Pedagoga – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo – Campus Avaré

Carmen Sylvia Vidigal Moraes²

²Professora Titular - Faculdade de Educação – Universidade de São Paulo

RESUMO: Apresenta-se recorte dos resultados de pesquisa de doutorado sobre cursos de formação inicial e continuada (FIC) ofertados pelo Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (Pronatec) em cinco *campi* do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP), no período entre 2012 e 2014. Priorizou-se, neste artigo, o estudo realizado com 33 egressos visando identificar perfis, situações e trajetórias ocupacionais anteriores e após a realização dos cursos. Os dados foram obtidos por meio de contato telefônico junto aos egressos, de entrevistas com professores, coordenadores e gestores dos *campi*. A análise foi fundamentada em autores que questionam a teoria do capital humano e a relação direta entre qualificação profissional e empregabilidade. Entre os egressos entrevistados, 33,24% eram jovens, 51,51% adultos, 54,5% homens, 42,42% casados, 57,58% têm filhos. Ao comparar a escolaridade declarada no ato da matrícula com aquela informada durante a pesquisa, notou-se que 36,5% elevaram a escolaridade. Em relação à situação ocupacional, 72,73% (N=24) estavam trabalhando, dos quais treze são trabalhadores informais, 21,21% encontravam-se desempregados e 6,06% eram aposentados. Entre os dez egressos que trabalhavam com carteira assinada, nenhum exercia a função aprendida no curso. Considera-se que os cursos realizados não contribuíram diretamente para a inserção profissional desses sujeitos. Apesar disso, os egressos salientaram ganhos advindos dessa realização, tais como, melhora no desempenho profissional, aquisição de novos conhecimentos, contato com professores que os orientaram e incentivaram a prosseguir nos estudos.

PALAVRAS-CHAVE: qualificação profissional; educação de jovens e adultos; perfil de alunos.

Introdução

O Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (Pronatec), instituído pela Lei nº 12.513 de 26 de outubro de 2011, ofertou cursos em instituições públicas e privadas nas modalidades Bolsa Formação Estudante, com carga horária mínima de 800h, e Bolsa Formação Trabalhador, cursos de formação inicial e continuada (FIC) com duração mínima de 160h destinados a “trabalhadores de diferentes perfis e beneficiários dos

programas federais de transferência de renda”^{1, p.7}. Conferiu-se relevo à oferta de cursos FIC no âmbito do Pronatec tendo em vista o público prioritário dessa bolsa formação.

Esse Programa não priorizou a integração entre Educação Profissional (EP) e Educação de Jovens e Adultos (EJA), para elevação da escolaridade dos estudantes. Em vez disso, preconizou a relação direta entre formação profissional e inserção no setor produtivo sem deixar claro para o público-alvo do Pronatec que – como afirmam Moraes e Lopes Neto² – a escola não é responsável pela criação de empregos. Sabe-se que a geração de empregos depende, entre outros fatores, da associação de políticas macroeconômicas governamentais e empresariais, políticas de bem-estar social e do paradigma técnico-produtivo³. A educação desvinculada de políticas de geração de emprego não assegura a inserção profissional do aluno, embora lhe possibilite ampliar sua área de atuação^{4 5};

Pressupõe-se que a efetividade de um programa de qualificação profissional como o Pronatec possa ser avaliada por meio de seus efeitos junto aos egressos. Nessa perspectiva, entende-se ser primordial ouvir esses ex-alunos, pois, geralmente, fala-se por eles e decisões são tomadas sob o argumento de que os beneficiam. No entanto, raramente eles são ouvidos sobre suas necessidades, sobre o que consideram ser importante para si mesmos.

São apresentados neste texto resultados de pesquisa de doutorado sobre cursos FIC ofertados pelo Pronatec, no período de 2012 a 2014, em cinco *campi* do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP), a saber, Avaré, Registro, Presidente Epitácio, São Paulo e Sertãozinho. No recorte feito para este artigo priorizou-se o estudo realizado com 33 egressos visando identificar perfis, situações e trajetórias ocupacionais antes e depois da realização dos cursos. Os dados foram obtidos por meio de contato telefônico junto aos egressos, de entrevistas com professores, coordenadores e gestores dos *campi*, bem como informações disponibilizadas pela Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica (Setec).

¹ BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica. **Manual de gestão da Bolsa-Formação**. Brasília, DF: 2011.

² MORAES, C. S. V.; LOPES NETO, S. Educação, formação profissional e certificação de conhecimentos: considerações sobre uma política pública de certificação profissional. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 26, n. 93, set./dez. 2005.

³ POCHMANN, M. Desafios e limites das políticas de emprego no Brasil. **Ensaio FEE**, Porto Alegre, v. 19, n. 1, p. 125-155, 1998.

⁴ FERRETTI, C. J.; SILVA JUNIOR, J. dos R. Educação profissional numa sociedade sem empregos. **Cadernos de Pesquisa**, n. 109, p. 43-66, março 2000.

⁵ MORAES, C. S. V. O que há de novo na educação profissional no Brasil. **Trabalho & Educação**, Belo Horizonte, n. 8, jan./jun., 2001.

A análise foi fundamentada em autores que questionam a teoria do capital humano⁶ e a relação direta entre qualificação profissional e empregabilidade.

Em 2019, egressos concluintes e não concluintes, matriculados em 2014, foram contatados por telefone. Esse ano foi priorizado por ser aquele em que houve maior número de matrículas e pela probabilidade de os egressos portadores do mesmo número de telefone fosse maior em relação aos anos anteriores. Nos *campi* lócus da pesquisa, selecionou-se um curso de cada eixo tecnológico, preferencialmente, aqueles que tiveram número mais elevado de turmas. Em seguida, priorizou-se a turma com maior número de alunos matriculados no curso escolhido. Entre os alunos matriculados nas turmas selecionadas, apenas 33 egressos foram contatados com êxito. Embora esse número seja inexpressivo em relação ao de matrículas, considera-se que, do ponto de vista qualitativo, esses sujeitos trouxeram elementos importantes em função do lugar que ocuparam na implementação do Pronatec no IFSP. Por meio de seus relatos, obteve-se informações sobre seus perfis socioeconômico, profissional e educacional; situação ocupacional após a realização de cursos FIC; relação entre curso realizado e tipo de vínculo empregatício; justificativas de não conclusão de cursos nos quais se matricularam; perspectivas de continuidade nos estudos; vínculo desses sujeitos com o Instituto Federal antes e depois de realizarem cursos Pronatec FIC, possíveis ganhos advindos da realização dos cursos.

Entre esses 33 egressos, 21 (64%) haviam concluído os cursos, 9 (27%) não concluíram e 3 (9%) tiveram frequência inicial insuficiente. Os contatos telefônicos foram mais bem-sucedidos entre alunos concluintes. Supõe-se que eles permaneceram com o mesmo número de telefone porque, de alguma forma, conseguiram continuar pagando pelo serviço de telefonia móvel. Como já se passaram cinco anos entre a matrícula e a época em que se realizou a pesquisa, a maioria dos números de telefone havia mudado. Além disso, o insucesso no contato telefônico se deu também em função de número inexistente e aparelho programado para não receber chamadas de números não cadastrados na agenda do proprietário.

No que se refere à distribuição desses egressos em relação à unidade do IFSP à qual estavam vinculados, 15 estudaram em Avaré, 14 em São Paulo, dois em Registro e dois em

⁶A teoria do capital humano, formulada por Theodore W. Schultz, responsabiliza o trabalhador por sua empregabilidade de acordo com investimentos que ele faz em sua formação. No entanto, desconsidera a historicidade do processo, a desigualdade estrutural, a precarização do trabalho entre outros. Além de defender que a educação seja norteadora por demandas de mercado.

Sertãozinho. Nenhum egresso de Presidente Epitácio foi contatado com êxito. Em relação aos cursos realizados por esses egressos nove se matricularam em Almojarife, seis Programador de Sistemas, cinco Artesão de pintura em tecido, quatro Programador Web, dois Garçom, dois Agente de gestão de resíduos sólidos, dois Instalador e reparador de computadores, um Auxiliar administrativo, um Espanhol Intermediário, um Operador de computador.

Perfis socioeconômico e educacional de egressos de cursos Pronatec FIC participantes da pesquisa

Entre esses egressos, observou-se a presença de jovens com idade entre 20 e 29 anos (33,34%, N=11) e, em seguida, adultos na faixa etária dos 30 aos 39 anos (21,21%, N=7) e dos 40 aos 49 anos (18,18%, N=6). Verificou-se também a participação de pessoas com idade entre 50 e 59 anos (12,12%, N=4) e com 60 anos ou mais (15,15%, N=5). Em sua maioria, eram pessoas do sexo masculino (54,5%, N=18), casadas (42,42%, N=14) e com filhos (57,58%, N=19). Na época em que esses egressos se matricularam nos cursos, a escolaridade predominante em suas declarações foi Ensino Médio completo (57,58%, N=19), seguida por Ensino Médio Incompleto (12,12%, N=4), Ensino Fundamental Incompleto (9,09%, N=3), Ensino Técnico Completo (6,06%, N=2), Ensino Superior Incompleto (6,06%, N=2), Ensino Superior Completo (6,06%, N=2), Ensino Fundamental Completo (3,03%, N=1).

Nota-se que, embora esses estudantes possuíssem a escolarização mínima exigida para realizar cursos técnicos, eles ingressaram em cursos FIC. As razões que motivaram essa decisão não puderam ser suficientemente esclarecidas, mas percebe-se, por meio de declarações desses ex-alunos, que se matricularam nesses cursos visando receber o Seguro-Desemprego ou não queriam ficar parados e o curso FIC era a opção disponível naquele momento. A maioria desses estudantes foi encaminhada ao Instituto Federal pelos Centros de Referência de Assistência Social (Cras) e Postos de Atendimento ao Trabalhador (PAT), e alguns se matricularam espontaneamente.

Verificou-se também o grau de escolaridade dos pais ou responsáveis pelos egressos e constatou-se que a escolaridade predominante foi Ensino Fundamental Incompleto tanto no caso das mães (64%, N=16) como no dos pais (52%, N=13), dos quais 10 mães e sete pais tiveram no máximo quatro anos de escolarização formal. Além de ter pais ou responsáveis pouco escolarizados, a maioria desses egressos (54,5%, N=18) não conhecia o IFSP antes de

se matricular nos cursos Pronatec FIC. Por outro lado, os egressos que afirmaram conhecer o Instituto apenas passavam em frente ao *campus* e ainda não haviam sequer entrado. Seus relatos evidenciam como eles viviam à margem dessa instituição: “Eu moro perto do IF e sempre passo em frente, mas ainda não tinha entrado” (Egressa 1, Almojarife, Avaré, 17 anos). “Sim, tinha ouvido falar, mas não tinha estudado lá antes” (Egresso 21, Programador Web, São Paulo, 49 anos). “Eu me lembro de quando eles estavam construindo o IF, mas nunca tinha entrado lá” (Egresso 7, Almojarife, Avaré, 20 anos). “Conhecia, mas... ainda não tinha estudado lá” (Egresso 24, Espanhol Intermediário, Sertãozinho, 16 anos).

De acordo com estudo Suplemento de Mobilidade Sócio-ocupacional realizado pelo IBGE na PNAD (2014) e divulgado pela Agência Brasil de notícias, o grau de escolaridade dos pais pode influenciar tanto a escolarização quanto a inserção laboral dos filhos: “[...] entre os pais que não eram alfabetizados aos 15 anos, 23,6% dos filhos também não o eram na mesma idade e apenas 4% completaram o nível superior posteriormente”. Ademais, filhos de trabalhadores pouco escolarizados tendem a ingressar mais cedo no mercado de trabalho^{7, p.2}.

O nível de escolaridade é um dos indicadores que compõem a condição socioeconômica da população⁸. Na maioria das vezes, pessoas com poucos anos de estudo e sem profissão definida não podem contar com a proteção de sindicatos de categoria, não possuem piso salarial etc. Logo, estão mais vulneráveis e suscetíveis a realizar ocupações informais e mal remuneradas. Entende-se que a escolarização em si não assegura inserção profissional e rendimentos elevados, tal como preconizam os defensores da teoria do capital humano. Entretanto, no Brasil, os trabalhadores que exercem trabalhos degradantes e desprestigiados socialmente tendem a ser aqueles que possuem poucos anos de estudo.

Ao comparar a escolaridade declarada no ato da matrícula com aquela informada durante a pesquisa, notou-se que 36,5% (N=12) dos egressos elevaram a escolaridade – dos quais dez são concluintes e dois não concluintes. Alguns já estavam estudando enquanto faziam o curso FIC outros afirmaram ter continuado a estudar após conhecer as possibilidades existentes no Instituto Federal, receber incentivo e orientação de professores, supervisores e coordenadores de cursos, trocar experiências e informações com colegas.

⁷ NITAHARA, A. IBGE: educação dos pais é determinante na formação e no rendimento dos filhos. **Agência Brasil**, Rio de Janeiro, 16 nov. 2016.

⁸ INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira**. Rio de Janeiro: IBGE, 2018.

Observou-se, principalmente, diminuição no número de alunos que declararam possuir Ensino Médio Completo de 57,58% (N=19) para 42,42% (N=14), bem como aumento no número de estudantes que declararam ter Ensino Superior incompleto de 6,06% (N=2) para 21,21% (N=7) e Superior Completo de 6,06% (N=2) para 12% (N=4). Houve alunos que continuaram os estudos tanto no IF – em cursos técnicos integrados ao Ensino Médio na modalidade Proeja, cursos técnicos concomitantes/subsequentes ou em cursos superiores – como em Escolas Técnicas Estaduais (Etecs) ou em cursos superiores em instituições privadas.

Na perspectiva dos Egressos 16, 21 e 25, o contato com os professores foi um ganho importante, porque esses profissionais ampliaram suas perspectivas em relação à continuidade nos estudos, seja no IFSP, nas Etecs ou em instituições privadas, os orientaram sobre como se preparar para processos seletivos, divulgaram informações sobre cursos ofertados pelo Instituto Federal. “As dicas que eu recebi dos professores me ajudaram a ser aluno do IF”, afirma o Egresso 16, Garçom, Registro, 18 anos. “Para mim foi de grande vantagem até mesmo para o concurso que eu prestei” diz o Egresso 21, Programador Web, São Paulo, 49 anos.

Para os Egressos 27 e 30 que cursaram Programador de Sistemas no *campus* São Paulo, o curso Pronatec FIC os auxiliou a definir a área na qual eles gostariam de se graduar. O Egresso 30 afirma que o curso FIC lhe ofereceu base para cursar faculdade em Sistemas de Informação. Após concluir o curso pelo Pronatec, o Egresso 27 prestou o Enem e ingressou no curso de Tecnologia em Análise de Desenvolvimento de Sistemas, no *campus* São Paulo. Ele afirma que nessa graduação tecnológica está se aprofundando em assuntos apenas mencionados no FIC.

Sabe-se que o Pronatec não teve por finalidade elevar a escolaridade dos alunos, mas conforme se depreende dos relatos, a realização de cursos pelo Programa nos *campi* lócus da pesquisa oportunizou aos estudantes o convívio com profissionais que os orientaram a ir além da qualificação profissional proposta e a conhecer os cursos ofertados regularmente no *campus*. Essa mediação foi particularmente significativa para aqueles que não teriam condições de pleitear uma vaga em cursos técnicos concomitantes/subsequentes, ou nos cursos superiores por não terem concluído o Ensino Médio. Nos *campi* onde há oferta de cursos técnicos de nível médio integrados ao Ensino Médio na modalidade Proeja, os alunos souberam da existência desses cursos e receberam orientações sobre como ingressar neles. A

Coordenadora Adjunta 4-Sertãozinho afirma que: “Nós recebemos alguns alunos no Proeja que conheceram a Instituição por meio do Pronatec. [...] Na verdade, a gente orientava esses alunos sobre a forma de ingressar aqui”.

O relato dessa coordenadora corrobora as declarações dos egressos sobre a relação que eles tinham com o Instituto Federal antes de eles realizarem cursos Pronatec FIC. Esses alunos viviam à margem dessa Instituição, desconheciam os cursos e, provavelmente, julgavam que essa escola não era para eles. Fato semelhante ocorreu nos *campi* São Paulo e Registro. Um dos gestores do *campus* São Paulo relata que “[...] o Pronatec não dá uma elevação de escolaridade para a pessoa. Já o Proeja dá. Então, eles faziam o Pronatec, ficavam sabendo que tinha o Proeja e vinham fazer o Proeja aqui”.

Considera-se que o Pronatec ensejou contato entre a equipe de servidores do IFSP e os alunos com trajetórias escolares descontínuas, mas a continuidade nos estudos por parte desses alunos não pode ser atribuída ao Programa, porque ele não teve por objetivo elevar a escolaridade do público-alvo. Foram os sujeitos responsáveis por implementá-lo que fizeram dele uma possibilidade para mudar a vida desses alunos por meio de incentivo e orientações sobre as possibilidades de dar continuidade aos estudos. O Professor 1-Registro expressa a intermediação desses profissionais na aproximação entre o Instituto Federal e os alunos com esse perfil: “[...] alunos que a gente deu aula no FIC depois vieram fazer curso técnico aqui. [...] Serviu para a gente mostrar “Olha, tem coisas para vocês fazerem” vocês podem estudar, podem ir além [...]”.

A Coordenadora Adjunta 4-Sertãozinho menciona o caso de um ex-aluno de cursos Pronatec FIC que ingressou no curso Técnico em Mecânica Proeja e evidencia a importância da atuação dos docentes e demais membros da equipe nesse processo em virtude do perfil do público prioritário desse Programa: “[...] eles entram aqui com uma perspectiva muito pequena [...]. Era um trabalho que a gente fazia de abrir os olhos. [...] O Instituto abraça esse público mais carente, né?” Percebe-se pelo relato dessa Coordenadora Adjunta a intencionalidade de membros da equipe Pronatec em acolher esses alunos e apresentar-lhes oportunidades existentes na instituição. Entretanto, esse “abraço ao público mais carente” não seria possível sem investimento na oferta de cursos Proeja dentro dos Institutos Federais.

Ao verificar a continuidade nos estudos por parte de egressos concluintes (N=21) e não concluintes (N=12), constatou-se que entre os 21 egressos que concluíram o curso Pronatec

FIC no qual se matricularam, 8 (38%) prosseguiram os estudos e 13 (62%) não. Já entre os não concluintes, 4 (33%) deram continuidade aos estudos e 8 (67%) não o fizeram. Não houve relação direta entre a conclusão do curso Pronatec FIC e a continuidade nos estudos em cursos fora do âmbito desse Programa. Notou-se por meio de seus relatos que a permanência e o êxito desses egressos estiveram relacionados à confluência de condições profissionais, pessoais, institucionais tanto na época em que se matricularam no curso Pronatec FIC como em cursos posteriores.

As justificativas apresentadas por egressos que não continuaram a estudar se referem principalmente aos âmbitos profissional, familiar, financeiro e institucional. Infere-se que essas motivações decorrem de condições econômicas, sociais, educacionais vivenciadas pelo público que majoritariamente se matriculou nesses cursos. A Egressa 1, Almojarife, Avaré, 17 anos, afirma que não pôde continuar o curso no qual ela se matriculou depois do Pronatec FIC por causa do trabalho em uma padaria. Ela relata que: “Lá a gente não tem horário fixo. São poucos funcionários e quase ninguém quer ficar lá”. Houve alunos que não prosseguiram nos estudos pela dificuldade em conciliá-los com trabalho e família. A Egressa 4, Almojarife, Avaré, 34 anos, por exemplo, é casada, tem filhos e trabalha como costureira. Para ela “ficou difícil trabalhar, estudar e cuidar da minha família”. Geralmente, esse tipo de situação é mais recorrente entre mulheres que homens. No caso deles, os empecilhos mais frequentes são mudança no horário de trabalho, problemas de saúde ou financeiros.

Entre os alunos que iniciaram novos cursos, houve aqueles que não puderam concluí-los porque ficaram desempregados ou tiveram problemas familiares. A Egressa 8, Almojarife, Avaré, 32 anos, matriculou-se no curso Técnico em Administração, na Etec, mas não pôde continuar por problemas pessoais. O Egresso 3, Almojarife, Avaré, 20 anos, cursou Técnico em Mecânica subsequente/concomitante no IF durante um ano, mas não o concluiu porque ficou desempregado e sem recursos financeiros para frequentar as aulas.

No que se refere à relação entre índices de conclusão e número de filhos, diferentemente do que se poderia pressupor, a maioria dos concluintes (66,7%, N=14) tem filhos e, entre os doze egressos não concluintes, 41,7% (N=5) são pais ou mães. Entre os concluintes com filhos, nove são mulheres e cinco homens. Nesse grupo, há seis mulheres com idade acima de 50 anos cujos filhos já são independentes e três mães de crianças e adolescentes em idade escolar. Entre as mulheres com filhos menores de 18 anos, não foi possível identificar as

estratégias utilizadas para conciliar estudos, trabalho – seja doméstico ou externo – e cuidado dos filhos. Supõe-se que elas tiveram algum tipo de apoio familiar ou de terceiros. Esse é um aspecto importante e requer investigações, pois não ter com quem deixar os filhos foi uma das principais justificativas de não conclusão de cursos apresentadas por mulheres.

Situação ocupacional de egressos após a realização de cursos FIC pelo Pronatec

A inserção profissional foi um tema tangenciado nos relatos dos 33 egressos dos quais 24 (72,73%) exercem algum tipo de ocupação, sete (21,21%) estão desempregados e dois (6,06%) são aposentados. Em relação ao detalhamento da situação ocupacional desses 24 egressos, onze trabalhavam sem carteira assinada; dez afirmaram possuir vínculos empregatícios formais; duas eram “do lar” e uma era autônoma. A situação ocupacional desses egressos representa a realidade vivenciada por brasileiros em 2019, especialmente em relação ao aumento da informalidade. Conforme estudo realizado pelo IBGE e divulgado pelo jornal *Nexo*, naquele ano, 41,1% da população desempenhava ocupações informais. Em comparação com 2018, a alta no trabalho informal foi de 0,3%. Esse aumento na informalidade pode ser atribuído à redução de postos de trabalho formais. De acordo com balanço realizado pelo Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged), 1,7 milhões de empregos formais foram extintos no período de 2015 a 2019⁹.

Observou-se que apenas quatro entre os 33 egressos trabalham na área dos cursos realizados, quais sejam, “Artesão em Pintura em Tecido” e “Sistemas de Informação”. No entanto, não possuem vínculo empregatício. Além de o número de egressos que afirmaram atuar na área do curso ser pequeno, percebe-se que a realização do curso não propiciou inserção profissional propriamente dita. A Egressa 13, Artesão em Pintura em Tecido, Avaré, 55 anos, trabalha em casa com pintura e artesanato sob encomenda. A Egressa 11, Artesão em Pintura em Tecido, Avaré, 55 anos, afirma que “Aprendi a pintar no curso de Artesão e hoje pinto panos de cozinha para vender”. Já o Egresso 30, Programador de Sistemas, São Paulo, 19 anos, relata que após a realização do curso FIC sentiu-se motivado a cursar ensino superior na mesma área. Na época da pesquisa ele fazia estágio em Sistemas de Informação.

⁹ ROUBICEK, M. Os dados do desemprego e a fragilidade do trabalho informal. *Nexo Jornal*, São Paulo, 06 ago. 2020.

Ao verificar a relação entre o tipo de vínculo empregatício, a função exercida e o curso realizado, constatou-se que entre os 10 egressos que trabalham com carteira assinada, nenhum exercia a função aprendida no curso. O mesmo ocorreu com sete egressos que trabalham sem carteira assinada. Infere-se que o curso realizado não contribuiu diretamente para a inserção profissional desses sujeitos. Diante disso, considerou-se importante analisar dois aspectos: i) a relação entre as experiências profissionais deles e o curso no qual se matricularam; ii) a percepção desses ex-alunos a respeito de possíveis ganhos advindos da realização de cursos Pronatec FIC.

De acordo com Porsch, Carrijo e Amorim¹⁰, entre os principais critérios de contratação mais exigidos por empregadores nos postos de atendimento do Sistema Nacional de Emprego (Sine), figuram a escolaridade, experiência profissional comprovada e formação profissional na área da vaga pretendida. Além disso, a qualificação profissional em si mesma não garante a inserção profissional do egresso, pois, conforme assinala o Dieese,¹¹ a Educação Profissional “[...] não se constitui, isoladamente, como solução para os problemas da falta de vagas de emprego e da baixa qualidade dos postos de trabalho”.

Nota-se que, diferentemente da tese defendida pela teoria do capital humano, apenas o investimento em qualificação profissional não assegura o ingresso no mundo do trabalho. Nessa perspectiva, conforme destacam Pochmann e Ferreira¹², p.1263 “a elevação da escolaridade distante da geração de empregos de qualidade tende a manter desigual a situação social relativa à ascensão no mercado de trabalho brasileiro”.

A maioria dos egressos se matriculou em cursos cujas áreas eram muito distantes daquelas nas quais atuavam ou já atuaram profissionalmente, por exemplo, o Egresso 9, Almojarife, Avaré, 21 anos, já trabalhou como porteiro de estacionamento e cobrador, além de atuar na área de informática e manutenção de celulares. O Egresso 18, Agente de Gestão de Resíduos Sólidos, São Paulo, 28 anos, trabalhou em administração, atendimento, contabilidade, vendas e foi motorista. O Egresso 21, Programador Web, São Paulo, 49 anos trabalhou como operador de máquinas, motorista, assistente administrativo. O Egresso 22, Programador Web, São Paulo, 26 anos, foi auxiliar de serviços gerais, vendedor, supervisor de vendas.

¹⁰ PORSCH, P.; CARRIJO, R.; AMORIM, V. **Gestão do SINE**: manual para os postos de atendimento. Brasília: Ministério do Trabalho e Previdência Social. Banco Interamericano de Desenvolvimento, 2016.

¹¹ DEPARTAMENTO INTERSINDICAL DE ESTATÍSTICA E ESTUDOS ECONÔMICOS (DIEESE). Nota técnica N° 278. **Educação Profissional e mercado de trabalho**: ainda há muito a avançar. Novembro de 2023.

¹² POCHMANN, M.; FERREIRA, E. B. Escolarização de jovens e igualdade no exercício do direito à educação no Brasil: embates do início do século XXI. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 37, n°. 137, p.1241-1267, out.-dez., 2016.

Ao verificar os principais motivos pelos quais eles se matricularam nesses cursos, observou-se que as motivações foram diversas: alguns almejavam inserção profissional na área do curso (Egresso 7), aquisição de novos conhecimentos (Egressa 1, Egressa 32), outros estavam em busca de socialização (Egressa 12, Egressa 56), queriam sair de casa e melhorar a autoestima (Egressa 17, Egressa 25). Além disso, houve alunos que não conseguiram ingressar em cursos de sua preferência e se matricularam naqueles em que havia vagas, tal como ocorreu com a Egressa 17 e o Egresso 24.

Observa-se nas profissões exercidas pelos egressos a diversidade de experiências profissionais que eles possuem e deduz-se o empenho deles em assegurar a própria sobrevivência e a de seus dependentes. A maioria dessas profissões não exige escolarização elevada e nem longo período de formação profissional (Agricultor, Atendente, Auxiliar de Serviços Gerais, Balconista, Do lar, Empacotador em Supermercado, Empregada Doméstica, Faxineira, Porteiro de Estacionamento etc.). Há entre as profissões realizadas por mulheres aquelas que ainda são uma extensão do trabalho doméstico (Cozinheira, Doceira, Empregada doméstica, Faxineira, Salgadeira etc.), sinalizando a permanência da divisão sexual e social do trabalho. Entre as profissões declaradas por homens, figuram aquelas ligadas à indústria (Auxiliar de Produção, Operador de Máquinas, Operador de Guilhotina para corte de papel, Rebarbador e afinador), comércio, serviços, construção civil (Cobrador, Office-boy, Operador de caixa, Operador de copiadora, Pintor predial, Vendedor entre outras).

Os egressos também foram consultados a respeito dos principais ganhos que, na perspectiva deles, provinham da realização de cursos Pronatec FIC. Eles não afirmaram ter conseguido emprego em decorrência do curso realizado, mas aqueles que estavam empregados ou eram trabalhadores autônomos perceberam “melhora no desempenho profissional” (f=8)¹³ mediada pelo conhecimento adquirido. De maneira geral, o curso proporcionou-lhes “aquisição de novos conhecimentos” (f=5); possibilitou-lhes “contato com os professores” (f=4) e, por decorrência, receberem orientações e incentivos sobre continuidade nos estudos (f=2); e lhes oportunizou “conhecer pessoas, compartilhar experiências, fazer amigos e melhorar as expectativas em relação ao futuro” (f=4).

¹³ Indica-se por meio de “f” a frequência absoluta com que essas afirmações foram feitas pelos egressos. Houve egressos que indicaram mais de um ganho advindo do curso enquanto outros optaram por não responder e, por isso, a soma das frequências não corresponde ao total de egressos.

O Egresso 3, Almojarife, Avaré, 20 anos, declarou que trabalhava em uma fábrica de cerâmicas na área de produção e algum tempo depois de se matricular no curso de Almojarife foi transferido para o setor de Almojarifado. A Egressa 1, Avaré, 17 anos havia concluído o curso Operador de Supermercado antes de se matricular no curso de Almojarife. Afirmou que os cursos não a ajudaram a conseguir emprego, mas a auxiliaram a desempenhar melhor as funções que então exercia. Ela era balconista em uma padaria e esses cursos propiciaram que tivesse mais conhecimentos sobre marketing, estoques, melhorar a disposição dos produtos nas lojas, etc. O Egresso 21, Programador Web, São Paulo, 49 anos, é servidor público estadual e aplicava os conhecimentos adquiridos no curso Pronatec FIC na escola onde trabalhava. Embora não fosse professor, ele auxiliava os docentes a elaborarem projetos envolvendo Programação Web.

De maneira geral, os egressos afirmaram que os conhecimentos adquiridos por meio dos cursos foram úteis – seja no aperfeiçoamento do trabalho que já realizavam seja na geração de renda mediante trabalho autônomo. Eles sabiam por experiência própria que a inserção profissional deles dependia de outros fatores além da conclusão de cursos. A declaração feita pelo Egresso 26, Programador de Sistemas, São Paulo, 29 anos, exemplifica essa afirmação: “O curso agregou conhecimentos, mas para conseguir emprego depende do mercado. O curso sozinho não possibilita isso”. Para o Egresso 21, Programador Web, São Paulo, 49 anos que tinha conhecimento prévio em programação, os conhecimentos adquiridos o auxiliaram a ter uma fonte de renda: “O curso trouxe bastante conhecimento sobre desenvolvimento e *design web*. [...] Hoje, tenho um site na Internet, faço mineração de moedas *on-line*, já vendi alguns sites também”.

A percepção a respeito dos ganhos advindos da realização de cursos Pronatec FIC depende do perfil do egresso, dos seus objetivos ao se matricular e do curso realizado. O Egresso 16, Garçom, Registro, 18 anos, conheceu o IF por meio do Pronatec e, posteriormente, ingressou nos cursos ofertados regularmente nessa instituição devido ao contato que teve com os professores do Instituto Federal que lecionaram no curso FIC. Para a Egressa 14, Artesão em Pintura em Tecido, Avaré, 56 anos, o curso proporcionou satisfação e aquisição de conhecimentos: “O curso me trouxe tudo de bom! Eu já pintava, mas me aperfeiçoei muito.”

A Egressa 25, Operador de Computador, Sertãozinho, 35 anos, ressaltou que o curso a ajudou a elevar a autoestima e a ter melhores expectativas em relação às possibilidades de conseguir

inserção profissional. Essa egressa também destaca a troca de experiências e informações entre os colegas sobre oportunidades de trabalho como um dos ganhos advindos da realização de cursos Pronatec FIC: “E para a gente que está desempregado é até uma forma de... tem alunos lá que estão trabalhando e um dá referência para o outro.” A Egressa 17, Garçom, Registro, 51 anos afirmou não ter obtido nenhum ganho. Ela estava desempregada quando se matriculou e após concluí-lo não teve sucesso na inserção profissional. Na percepção dela: “Nenhum dos cursos que eu fiz me ajudou. Eu tenho 56 anos¹⁴ e não consegui nada. Sabe por quê? Se não tem nem para os jovens, imagine para mim!”

Considerações finais

Por meio do diálogo com egressos concluintes e não concluintes, percebeu-se que a situação deles ao final do curso resultou de um conjunto de elementos que, em determinado contexto, favoreceram ou impediram sua conclusão. Houve egressos não concluintes que, posteriormente, matricularam-se em outro curso e o concluíram. Ao passo que o inverso também ocorreu. Portanto, deduz-se que um estudante que em determinado momento de sua trajetória no curso foi compelido pelas circunstâncias a deixá-lo antes do término, em outra ocasião, sob condições mais favoráveis, poderia tê-lo concluído. No entanto, convém ressaltar que, de maneira geral, o público prioritário de cursos Pronatec FIC é bastante suscetível a intercorrências familiares, socioeconômicas e de saúde, por serem pessoas de baixa renda e com menor acesso a bens e serviços essenciais. Soma-se a isso a trajetória escolar descontínua característica marcante do público da EJA. Por decorrência, ora esses estudantes conseguem concluir os cursos nos quais se matriculam, ora não.

Os ganhos mencionados pelos egressos foram os mais diversos – desde socialização até meio para continuar os estudos. Nota-se que essa diversidade de ganhos se deu em função dos perfis dos egressos, dos cursos realizados, dos membros das equipes com os quais eles tiveram contato, com os objetivos deles ao ingressarem nos cursos etc.

Com base nos relatos desses sujeitos e na literatura consultada, considera-se que a qualificação profissional curta e desvinculada da elevação de escolaridade não é garantia de

¹⁴ Idade na época em que participou da pesquisa.

inserção profissional em ocupações formais, pois ela depende da articulação com o contexto econômico nacional e internacional; a geração de emprego e renda; o incentivo ao micro e pequeno empresário que geralmente estão na base movimentando os arranjos produtivos locais e empregando pessoas da região. Em perspectiva mais ampla, a inserção no mercado de trabalho depende também das políticas sociais, do investimento em creches e pré-escolas para que as mães tenham lugar adequado para deixar seus filhos e não sejam preteridas em entrevistas de emprego por terem crianças pequenas.

Salienta-se a atualidade dos dados que a pesquisa apresenta para o avanço das políticas públicas em trabalho e educação especialmente na problematização da reforma do Ensino Médio, da fragmentação do processo formação profissional por meio da oferta de cursos rápidos e desvinculados da elevação de escolaridade, da importância do currículo integrado.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica. **Manual de gestão da Bolsa-Formação**. Brasília, DF: 2011. Disponível em: <https://map.mec.gov.br/attachments/download/41461/Manual%20de%20Gestao%20da%20Bolsa%20Formacao%20-%20v.%20novembro%20de%202011.pdf>. Acesso em: 13 jan. 2025.

DEPARTAMENTO INTERSINDICAL DE ESTATÍSTICA E ESTUDOS ECONÔMICOS (DIEESE). Nota técnica Nº 278. **Educação Profissional e mercado de trabalho**: ainda há muito a avançar. Novembro de 2023. Disponível em: <https://www.dieese.org.br/notatecnica/2023/notaTec278EducacaoProfissional.html> Acesso em: 02 dez. 2024.

FERRETTI, C. J.; SILVA JUNIOR; J. dos R. Educação profissional numa sociedade sem empregos. **Cadernos de Pesquisa**, n. 109, p. 43-66, março 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cp/n109/n109a03.pdf>. Acesso em: 14 dez. 2024.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Síntese de indicadores sociais**: uma análise das condições de vida da população brasileira. Rio de Janeiro: IBGE, 2018. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101629.pdf>. Acesso em: 21 dez. 2024.

NITAHARA, A. IBGE: educação dos pais é determinante na formação e no rendimento dos filhos. **Agência Brasil**, Rio de Janeiro, 16 nov. 2016. Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2016-11/ibge-educacao-dos-pais-e-determinante-na-formacao-e-rendimento-dos-filhos>. Acesso em: 18 dez. 2024.

FRIGOTTO, G. Verbetes Capital Humano. *In*: PEREIRA, I. B., LIMA, J. C. F. **Dicionário da Educação Profissional em Saúde**. 2.ed. rev. ampl. Rio de Janeiro: EPSJV, 2008.

MORAES, C. S. V. O que há de novo na educação profissional no Brasil. **Trabalho & Educação**, Belo Horizonte, n. 8, jan./jun., 2001. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/trabedu/article/view/9183/6604>. Acesso em: 08 jan. 2025.

MORAES, C. S. V.; LOPES NETO, S. Educação, formação profissional e certificação de conhecimentos: considerações sobre uma política pública de certificação profissional. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 26, n. 93, set./dez. 2005, p. 1435-1469. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v26n93/27288.pdf>. Acesso em: 01 dez. 2024.

POCHMANN, M. Desafios e limites das políticas de emprego no Brasil. **Ensaio FEE**, Porto Alegre, v. 19, n. 1, p. 125-155, 1998. Disponível em: <http://revistas.fee.tche.br/index.php/ensaios/article/viewFile/1914/2289>. Acesso em: 11 nov. 2016.

POCHMANN, M.; FERREIRA, E. B. Escolarização de jovens e igualdade no exercício do direito à educação no Brasil: embates do início do século XXI. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 37, n.º. 137, p.1241-1267, out.-dez., 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/4mdgh6ZbMDkyHhhdhpZrWCn/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 05 jan. 2025.

PORSCH, P.; CARRIJO, R.; AMORIM, V. **Gestão do SINE**: manual para os postos de atendimento. Brasília: Ministério do Trabalho e Previdência Social. Banco Interamericano de Desenvolvimento, 2016. Disponível em: <http://portalfat.mte.gov.br/wp-content/uploads/2016/07/Manual-de-gest%C3%A3o-do-SINE.pdf>. Acesso em: 24 dez. 2024.

ROUBICEK, M. Os dados do desemprego e a fragilidade do trabalho informal. **Nexo Jornal**, São Paulo, 06 ago. 2020. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2020/08/06/Os-dados-do-desemprego-e-a-fragilidade-do-trabalho-informal>. Acesso em: 13 jan. 2025.